

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

19 de Abril de 2024

DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: MOÇAMBIQUE

ESTAS SÃO AS ARMAS / 1978

*Um filme de Murilo Salles
e Bernardo Honwana*

Escolha de imagens de arquivo, montagem, som e narração: não identificados na cópia.

Produção: não identificado / Cópia: do INAC (Maputo), digital (transcrito do original em 16 mm), preto e branco / Duração: 56 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Estreia em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

Estas São as Armas é a primeira longa-metragem do brasileiro Murilo Salles (nascido em 1950), que, depois de um importante percurso profissional como diretor de fotografia para realizadores tão diferentes como Júlio Bressane e Bruno Barreto, realizara três documentários de curta-metragem, um dos quais sobre Grande Otelo. Salles faria uma sólida carreira no Brasil como realizador de ficções (**Nunca Fomos Tão Felizes** e **Como Nascem os Anjos** são as mais reputadas) e documentários sobre variados temas, mais numerosos do que os seus filmes de ficção. O seu filme mais recente, um documentário sobre pessoas que tiram o seu ganha-pão à volta da baía do Rio de Janeiro, data de 2021.

Apesar da competência e da variedade de interesses de que Murilo Salles já dera provas em 1978, não deixa de ser (agradavelmente) surpreendente que um brasileiro sem relações conhecidas com Portugal e as suas colónias e sem um passado de militante político tenha realizado um filme tão bem estruturado (e nada simplista) sobre a luta do povo moçambicano pela sua independência. No que refere a coerência e o espírito de síntese o seu filme é superior ao outro filme sobre a independência de Moçambique feito por brasileiros, **25**, de José Celso Martinez (um grande nome de teatro) e Celso Lucas, também apresentado neste ciclo. Na verdade, os dois filmes completam-se, pois o passar dos anos fez de **25** um importante documento, ao passo que o filme de Murilo Salles é uma síntese analítica. Como era costume neste tipo de cinema nos anos 70, o filme não tem générico, mas Bernardo Honwana, um dos mais conhecidos escritores moçambicanos, que vemos entrevistado em algumas passagens, passou a ser creditado como co-autor do filme por ter sido muito provavelmente o guia de Murilo Salles através do material de arquivo utilizado. Lembremos que nos primeiros tempos que se seguiram à independência de Moçambique Jean Luc-Godard e Jean Rouch lá estiveram para dar o seu contributo para o nascimento do cinema nacional, assim como Rui Guerra, português de Moçambique que fora um dos nomes importantes do Cinema Novo brasileiro. A passagem de Murilo Salles por aquela “nova nação” chamou menos a atenção mas deixou como legado o importante objeto cinematográfico que é **Estas São as Armas** (que nada tem do relativo simplismo de **Mueda, Memória e Massacre**, do dito Guerra) apresentado em sessões privadas em França à época com o título de *aqui estão as nossas armas (voici nos armes)*, numa interessante inflexão do título original.

Estas São as Armas é formado exclusivamente por material de arquivo, inclusive nas duas únicas entrevistas inseridas no filme. Trata-se, por conseguinte, de um filme de montagem, subgénero clássico no cinema documentário, e no filme de Murilo Salles a

imagem e a palavra completam-se, solidamente unidas. Não há uma doutra narrativa em *off*, mas intervenções pontuais, feitas exclusivamente por moçambicanos. Estas intervenções verbais em *off* nunca são simplistas, apesar do fim da luta armada ainda ser recente (o genérico indica-nos que o trabalho de realização do filme começou em Agosto de 1976, pouco mais de um ano depois de proclamada a independência do país), embora algumas verdades duras sejam ditas em frases simples: “o *colonialismo é uma agressão permanente*” (quem tiver dúvidas deve consultar o noticiário sobre o que se passa em Gaza), completada por “*a luta armada foi a afirmação da nossa cultura e da nossa nacionalidade*”. Se por um lado os comentários estão livres dos clichés que costumam caracterizar o cinema militante, a montagem sublinha deliberadamente em certas passagens o contraste entre o discurso do colonizador e o do colonizado, porém nunca de modo simplista. Num autêntico achado de montagem, simples e terrivelmente eficaz, um trecho do **Jornal Português** é apresentado duas vezes, primeiro com a narração original e logo a seguir com as mesmas imagens comentadas e por assim dizer explicadas por uma voz moçambicana, o que é especialmente eficaz porque, por definição, um filme de atualidades só mostra a fachada dos acontecimentos, ao passo que o comentário moçambicano aqui inserido revela justamente os bastidores daquelas imagens. Também são inseridos trechos de **Chaimite**, clássico do cinema português, de um colonialismo sem reboços e de um racismo tão sincero que causa espanto (“*menos um*”, diz um personagem português num trecho do filme, enquanto sopra o fumo que sai do cano do seu revólver, depois de matar um negro pelas costas), postos em paralelo com o derrube de uma estátua de Mouzinho de Albuquerque, pois nas lutas de libertação os gestos simbólicos podem ter tanta importância quanto os atos concretos.

Estas São as Armas começa com terríveis imagens de cadáveres de civis, amontoados ou espalhados, na sequência de massacres perpetrados pelo governo da então Rodésia (que tinha um regime político gémeo do da África do Sul), de modo a fixar a realidade da guerra - estas imagens voltarão a ser utilizadas perto do desenlace - e prossegue com uma alternância de imagens de diversos períodos e da palavra, sobretudo a de Samora Machel, cuja posição faz dele o verdadeiro porta-voz da luta pela independência. Por conseguinte, as armas a que se refere o título não são apenas as armas de fogo de uma guerra de libertação que durou onze anos e acabou por também libertar a própria “metrópole” da sua anacrónica ditadura (“*uma guerra feita por selvagens*”, nas imortais palavras de Marcelo Caetano, como vemos no filme), são também a palavra e a luta para dar à população moçambicana condições de viver a sua independência. E uma das principais armas desta luta da construção de um novo estado-nação livre do tribalismo, que prejudicou a luta de libertação, é a educação e a formação profissional. O filme de Murilo Salles consegue abarcar o passado e o presente de Moçambique e vislumbrar o futuro: *A luta continua*, vem lembrar-nos um intertítulo no último plano do filme. Quando **Estas São as Armas** ficou pronto a guerra civil financiada pelos regimes de extrema-direita colonialistas da África do Sul e da Rodésia já começara há um ano e duraria outros catorze, mas isto em nada enfraquece a clareza, a sobriedade e a inteligência do filme de Murilo Salles e Bernardo Hinwana.

Antonio Rodrigues